

São 22h35 e pergunto o que é que a minha maçonaria está a querer fazer comigo. E não percebo. Quer dizer, percebo. Às vezes, percebo o filme todo. Mas depois, deixo de o perceber. É um filme difícil. Estou metido num grande filme, num filme do caralho! Às vezes, o filme não parece nada de especial, parece que não vai acontecer nada... Que os atores e as personagens estão todas calminhas, o ambiente está sossegadinho, que vou finalmente poder descansar, que nada se vai passar, faço só uma cena qualquer e pronto... Aparece logo uma complexa Internet das Coisas a ligar-se “àquela” cena, que era uma simples cena, que eu não queria ligar, que o meu cérebro estava a tentar não gravar, que eu até estava a fazer escudo com os meus ouvidos... Mas claro, depois lá tenho de ir buscar a cena para ligar com o novo episódio do filme da vida real em tempo real que está sempre a correr. Sinto-me explorado por todos os lados. Sinto-me escravo não sei quantas vezes... Sinto-me um escritor escravo a escrever e mil editoras a publicarem o que eu escrevo em várias línguas que eu nunca vou descobrir, é claro, sem darem cana, a aproveitar-se de partes da minha escrita; sinto-me um escravo realizador e mil realizadoras a pegarem nos meus filmes e nos meus argumentos e com os capitais sociais à prova de todas as balas a balearem divertidamente o meu espírito, sinto-me um escravo do próprio sistema administrativo, porque para além disto tudo ainda tenho de trabalhar noutra coisa para ganhar dinheiro e sustentar a minha vida real aqui na Terra, enquanto vejo o meu cérebro a alimentar e a entreter um novo *dark side* do *Jupiter* de Gabriel Garibaldi... Sou um argumentista, estou só a querer ligar o meu novo *dark side* a um potencial *dark side* que vejo no *Jupiter* de Gabriel Garibaldi... Foi a minha alienígena maçonaria que me pôs a escrever um *dark side*... Obrigado, maçonaria! Estou muito contente... Podem aumentar o volume da cena aí do filme que eu acho que já aguento um *hardcorezinho*... Podem chamar os zombies, podem chamar “os bichos” todos com cornos e com caudas para entrarem no meu quarto, só a passarem, só a desfilarem e tal... Parece que é o preço que tenho de pagar por causa das críticas que fiz n’*O Algoritmo do Amor*... Tudo isto é por causa “dos cornos” que eu quero proteger? Só porque vejo os animais “com cornos” como sagrados? Só porque vejo os carneiros, as vacas, os touros, os búfalos, os bisontes como sagrados? Só porque lhe quero salvar o couro? É por causa da economia? Dos cavaleiros, dos toureiros, dos forcados, dos empresários, dos donos dos bancos que financiam estas feiras e toda esta tourada? É por causa disto tudo? É porque, defender uma vaca mexe com o sistema todo? É que eu não vou deixar de defender as vacas e os porcos, só porque “estou a mexer com o sistema todo”... Lamento, mas não vou! Não vou deixar de defender os mamíferos! Não vou deixar de defender as aves monogâmicas, como os pinguins e os flamingos... Os cavalos-marinhos são criaturas sagradas, como é que não conseguem ver um “espírito humano” dentro dos cavalos-marinhos, se quando um cavalo-marinho morre o parceiro fica deprimido com um desgosto de amor, não quer saber de mais cavalos-marinhos e fica simplesmente de luto à espera de morrer? Como é que tenho um Governo que não sabe isto, mas que é Governo e deixou cavalos-marinhos serem caçados??? Não faz sentido. Quem não vê as coisas sagradas, não é divino, é “diabólico”! Isto é transparente! Mas eu é que sou diabólico? Só porque nasci com a magia do número 666 em mim? Pois se é assim, é mesmo nessa magia, é mesmo com a magia do número 666 que eu vou defender todas as espécies sagradas! Vou defender sempre os golfinhos e as baleias... Mas também vou defender os pescadores... E pronto... É aqui onde entra “o diabo”? Só porque eu defendo os pescadores que querem entrar comigo no barco com biólogos marinhos que vão monitorizar a pesca do princípio ao final para certificar que a pesca foi sustentável e não matou nem feriu nenhum golfinho e justificar o financiamento azul que veio da Comissão Europeia a fundozinho perdido, só porque eu defendo isto e só porque eu sei o que se passa de certo, mas também sei o que se passa de errado na Comissão Europeia, veem “um Diabo” em mim? E eu

sou “só” um salva-vidas... Mas sou “o Diabo”, instalaram-me “o Diabo” no cérebro, porque estou na praia mas consigo com a minha “tecnologia diabólica” chegar a todo o lado, inclusive à Comissão Europeia? Então, olhem! Pronto... Sou “o Diabo em pessoa”... E como sei que se passam coisas erradas em sítios muito poderosos, mesmo a passar à frente dos olhos da maçonaria que eu conheço, resolvi criticar... Sou crítico. “Só” sei criticar... É que se eu sei que há uma maçonaria de coisas que tem poder para acabar com as coisas erradas, mas não acaba porque está “fascinada” com as novas tecnologias, é claro que eu critico. Mas não vou criticar para dentro da maçonaria. Critico fora nos meus círculos íntimos e ao colo do Fred... Eu sabia lá que a maçonaria estava a ouvir... Eu sabia lá que a maçonaria tinha chipado *O Algoritmo do Amor*... Soube que tinha hackeado o meu trabalho de Direito dos Contratos Públicos... Mas daí a hackear também *O Algoritmo do Amor*...? Eu sabia lá que o Fred era um maçõn de verdade... Sabia que o Albert era... Mas eu sabia lá que isso era uma “cena monárquica” e que passava para os filhos... Eu dizia tudo a brincar... Eu via tudo a brincar... Chamava maçõn ao Fred a brincar, porque sabia que o pai dele era maçõn... Mas eu não sabia mais nada, eu juro! Agora soube de tudo! Soube de tudo o que não queria saber... E pior... Agora mandam-me calar! Agora tenho de cumprir um suposto Código do Silêncio invisível... E não posso ter conversas maçónicas com o Fred, porque é como se o processo maçónico não existisse senão na nossa espiritualidade que tem de ser sempre em silêncio... Parece que temos uma religião sem ir à igreja... Não temos igreja... Não temos santos, não temos supersticiosismos, não temos nada... Temos só espírito... Temos só um grande espírito para as coisas maçónicas e para o mistério da vida... Uhhh! Mistério... Uhhhhhhhhhhhhhh! Que coisa tão misteriosa... Que mistério...! Uhhhhhhhhhh... Por favor... Parece que comunicamos com o Poder da Mente... Parecemos ridículos!!! Parece que adivinhamos as coisas que vão acontecer de verdade com um suposto Poder da Intuição... Eu já percebi tudo. Já escrevi tudo sobre este jogo maçónico... Querem que escreva mais o quê? Eu escrevo...Eu escrevo... Eu escrevo... (...) Não sei como é que hei de sair depois do filme que escrevi... (...) A minha escrita virou um filme! O Fred diz que foi tudo uma magia... Magia, uma tanga! Que eu vi bem como é que foi “a magia”... Querem que eu chame magia? Eu chamo... Sim... Foi tudo uma magia... Foi uma Magia das Coisas... Que bonita magia...! Uau!... Magia...

Já são 23h20 e eu estou cansado! Estou cansado deste filme. Ninguém me vai tirar deste filme? É que o Fred só se ri e eu não estou a achar piada nenhuma e num *dark side* parece que tenho de achar piada, porque senão lá vem a Psicologia de Precisão e a Psiquiatria de Precisão do 2080 de Antoine Canary-Wharf perguntar-me se está tudo bem com sofisticados algoritmos de precisão que medem o tom da minha voz e os níveis de stress e de humor e ansiedade na minha voz... E eu vou fazer o quê? Vou rir-me! Pois, é claro que me vou rir... O Fred está comigo ao telefone e está a dizer para eu me rir... Então eu rio-me, pronto! AHAHAHAHAH que divertido, amor... AHAHAHAHAHAH que divertido, amor... Estou a adorar este filme... AHAHAHAHAHAH! Obrigado, amor... Era mesmo o que eu queria... AHAHAHAHA, não consigo parar de rir, amor... A sério... O filme está tão bom... Está tão divertido, amor... AHAHAHAHAHAHAH... O teu pai está a gostar de nos ouvir a rir disto ao telefone? E os amigos do banco do teu pai que estão a financiar o filme todo, estão a gostar? Achas que estou a escrever bem, amor? Vê lá, amor... Se quiseres que eu altere qualquer coisinha na minha escrita, é só enviases mais um filmezinho... Se quiseres que eu ligue alguma coisa que tu aches que eu me esqueci de ligar ou se quiseres que eu desligue qualquer coisa, é só dizeres amor... Estou a ser muito paranoico, amor? Estou a dar muita cana? Não estou, pois não? Já nem estou a gritar por socorro, nem nada, amor... Já estou mesmo no filme, amor... Já entrei no filme, amor... Juro, por tudo, que à primeira oportunidade que eu tiver para fugir, eu não vou fugir... E juro

que se algum dia eu quiser mesmo fugir do filme e vir dois carros para fugir, tipo um Bentley com as chaves lá dentro e um Fiat Punto eu pego no Punto e bazo e deixo o Bentley... Bazo mesmo só com o Punto, ou com o Clio, mesmo com o tubo de escape roto a fazer uma barulheira infernal capaz de acordar os maçons todos... É só pela adrenalina... Porque já sei que os anjos-maçons depois tecnologicamente levam-me outra vez para casa... Sei lá... É só pela diversão, amor... Só para sentir a emoção de fugir, a emoção de gritar por socorro e chorar porque ninguém ouve o meu socorro e depois começar a rir-me disto tudo contigo, porque no fundo tem piada gritar por socorro e ninguém ligar ao socorro, porque está tudo no filme... Até se esquecem que o filme é a vida real de uma personagem... Mas isso, é outro filme... Isso, agora, pensar nisso, era logo, agora, outro filme... É melhor sairmos desse filme, que este filme já são filmes a mais dentro do mesmo filme... E, depois deste filme, ainda tenho de ir acabar de escrever o filme que foi hoje da Rainha D. Amélia a passar na minha praia...

O vento, de repente, rodou. O vento fez rodar o filme. Simplesmente mudámos de filme, por causa do vento-terra que trazia um frio “muito nórdico”... Era eu, dentro da nossa casinha de praia dos salva-vidas, sem ninguém a passar, sem ninguém a ver a despir a farda de salva-vidas para vestir por baixo a minha blusa-polo com uma coroa monárquica portuguesa ao peito e voltar a vestir a minha farda de salva-vidas com o símbolo “monárquico” do Instituto de Socorro a Náufragos e a invocar “baixinho” o nome da Rainha D. Amélia e era a Rainha D. Amélia a enviar os meus ex-namorados da Juventude Monárquica à minha praia a perguntarem-me o porquê de eu não ter comparecido à Assembleia Geral e a perguntarem se tinha desfeito o casamento com a “Dinamarca” e se estava a arranjar um novo casamento com a “Noruega”, depois de ter aparecido à minha frente um príncipe lá da Noruega a perguntar se eu queria casar com ele para ligar mais rapidamente o *dark side* das coisas do *Rock and Roll*, que eu estava secretamente a dançar “com ele”? Disse primeiro que sabia que eu trazia uma coroa monárquica ao peito e que ele era um descendente “indireto” da coroa norueguesa... Eu tinha a farda por cima, o símbolo monárquico do Instituto de Socorros a Náufragos “tapava” a coroa monárquica, mas ele dizia que tinha postas as lentes-cinema de 2080 de Antoine Canary-Wharf e que conseguia ver o meu coração nas mãos dele... E eu disse-lhe que estávamos em 2021 e que eu não me lembrava dele no barco, mas que provavelmente deve me ter visto com a blusa-polo e embora não se visse o “emblema” monárquico, porque tinha a blusa por baixa da farda, via-se a gola da blusa e bastava ele ter-me visto no barco “à paisana” com a blusa, para ver a gola da blusa a naufragar e a gritar por socorro que ele saberia “sem ver” que seria um “socorro monárquico”... Ele chamou-me inteligente com um ar completamente rebarbado e a querer encostar-se, a vir para cima de mim e disse-me que era um alien que sabia que eu tinha os olhos chipados por um *Jupiter* de Gabriel Garibaldi e que era com ele que eu ia ter de dançar o *death metal* para sair do *dark side* do *Rock and Roll* em que o Fred me tinha posto... E disse-me ainda para eu olhar para o filme que estava a dar à minha volta e que o meu namoro com o Fred não passava de um produto cinematográfico d’*Os Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke... E eu respondi-lhe que o *death metal* da Noruega é um rock demasiado pesado para mim e para o Fred e que nós gostamos de um outro tipo de rock, que gostamos de outra pedalada... Disse-lhe que a nossa pedalada era outra... Disse-me que eu estava preso a um triângulo que não queria ver, mas que era a esse triângulo ao contrário, que eu estava destinado, que eu próprio tinha-me destinado e que eu tinha de saber ver como as coisas funcionavam ao contrário, porque o Fred não era príncipe nenhum, quem era príncipe era ele e o Mathias, dizia-me ele, que eu era um arcanjo que os *Dons* tinham cortado as asas e que só os príncipes “a sério”, como ele e como o Mathias é que eram *Dons* capazes de devolver “as minhas asas” para poder “voltar a voar com eles ao Reino dos

Céus"... E eu disse que não queria asas para voar com eles para o Reino dos Infernos... E ele disse, num altivo e robusto tom norueguês com o seu "agressivo" corpalhão que ou eu ia acabar casado com ele, ou ia acabar casado com o Mathias ou ia acabar casado com os dois num maçónico triângulo amoroso, porque ele estava ligado ao Mathias e o Albert estava "verdadeiramente" ligado ao Mathias e "desligado" do Fred... E eu respondi-lhe, com toda a altivez que o Albert é um "good maçõn" e que a maçonaria do Albert é a mesma que a do Fred e a mesma que a minha e que os nossos triângulos maçónicos não são nem amorosos nem sexuais, que só fazemos triangulações políticas e económicas sem camas, sem nada e que só fazemos com a melhor política e com a economia mais digna, empática e humana capaz de sustentar e fazer sobreviver o meu capitalismo verde e inteligente dos recursos. E ele respondeu-me que eu vivia numa mentira, que *O Algoritmo do Amor* era uma fantasia e que eu tinha de acordar para a realidade e que mais tarde ou mais cedo, eu ia acordar era com ele e com o Mathias na cama com um rock pesadíssimo a partir o filme todo, porque o Albert não estava nem a financiar o meu capitalismo verde e inteligente dos recursos nem *O Algoritmo do Amor*... Disse-me que o Albert estava era a financiar os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke e que tudo isto era por causa de uma hierarquia das coisas que eu não conseguia ver, porque tinha desafiado, mas que não podia desafiar e tinha de saber ver as coisas... Disse-me para eu não me esquecer que o Barac Bielke era primo do Albert... E foi neste filme todo que apareceram depois os meus ex-namorados como *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke a perguntar porque é que eu não tinha comparecido à Assembleia Geral... O "bruxo" do meu ex-namorado apareceu atrás a rir-se como o comandante da tropa dos meus ex-namorados e perguntou-me se eu estava "a curtir o filme" e se eu estava "a arrotar muito" com "o bruxedo"... Fiz-me de desentendido e perguntei de que filme é que ele estava a falar e de que bruxedo é que ele estava a falar... E ele riu-se como um "demónio" e perguntou-me se eu queria que ele me enviasse um anjinho caído do céu para me tirar do filme... Disse que se eu quisesse, ele próprio podia transformar-se num anjinho e cair, outra vez, do céu para mim ou se eu quisesse podia enviar-me um "anjinho" chamado Gustavo, capaz de me tirar do filme... Disse-me na sua "pouco monárquica" despedida que ele era onisciente e omnipresente e que sabia que estava metido num filme "dos diabos" e que a única forma de me livrar "dos diabos" era aproveitar as boleias dos "anhos tecnológicos" que *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom, fosse, por sorte, enviando... Só lhe faltou dizer que ele era *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom que estava a programar o filme da minha vida.

Sou franco. Isto esgotou-me. Este filme esgotou-me. Comecei a cansar-me de ver o vento a rodar o filme todo. Já estava cansado antes. Já tinha visto outros filmes, logo de manhã, a chegar à praia e depois à beira-mar... É muita coisa a acontecer ao mesmo tempo... E sou eu, sozinho, a escrever este filme todo, a ter de madrugar para não deixar de escrever nenhuma parte do filme com o atrelado processo maçónico que ainda tenho para escrever em mais dois gritos de socorro que vou ter de mandar!... A madrugar para escrever, a apanhar barcos sem poder escrever por causa dos piratas, a estar na praia o dia todo a vigiar com um cérebro a escrever e uma Inteligência Artificial vigilante do meu cérebro que não me deixa escrever e sufoca o meu espírito, rouba o meu espírito, leva-o sabe-se lá para onde, para que Mercado Negro...! Serei um escravo do Mercado Negro? Será verdade o que disse o príncipe da Noruega? E se fosse? Mais valia casar-me com ele? Mas se eu fosse um escravo, porque é que um príncipe iria tanto querer casar comigo? Não faz sentido... A não ser que este filme seja um filme maçónico de guerra espiritual e que simplesmente haja uma guerra invisível por causa do meu espírito... Já não sei o que serei capaz de pensar... Se tudo isto é uma guerra de maçonarias, se é uma guerra espiritual, se é uma guerra de cérebros por causa de um cérebro ou se é uma guerra

tecnológica por causa dos chips e do meu cérebro chipado. É a conclusão mais nobre a que eu consigo literariamente chegar... É que o meu cérebro é um cérebro chipado. Chiparam-me a intuição... E estou a dizer isto com todo o Poder da Intuição... Estou só a deixar a minha intuição falar...

É claro que este filme todo agarrado ao processo maçónico e aos filmes premonitórios faz instalar uma sofisticada *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari... Se a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari sem estes filmes já fazia todo o sentido, agora com toda esta Internet das Coisas que liga todos os filmes, eu diria que a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari é a resposta, é o mecanismo básico de defesa, é o cérebro a responder ao filme todo em que se vê preso e completamente metido... Uma coisa é, durante este filme maçónico, durante este processo maçónico, durante esta Internet das Coisas, eu sonhar com copos a partirem-se dentro de um móvel na casa dos von Der Maase, acordar e registar isto em silêncio no meu caderno sagrado e ao fim do dia o Fred telefonar-me a dizer que a mãe dele foi arrastar o móvel da casa de jantar e partiram-se 6 copos e eu até fazer o filme que o meu caderno foi “hackeado” pelo anjo Raphaël, enquanto eu fui almoçar, mesmo sabendo que ele não abriu o meu caderno, mas fingir que ele sabe que eu levo um caderno, que abriu o meu caderno e mesmo que não perceba a minha caligrafia maçónica ter fotografado as últimas páginas de escrita e enviado ao Fred num jogo maçónico autorizado pelo Direito Penal Maçónico e pela Psicologia Maçónica e “não maquiavélica” e lá o Fred ter recebido o meu sonho e querer tornar os meus sonhos reais e ter combinado numa maçonaria com a mãe... Outra coisa é eu estar com o Fred, longe do posto de praia e longe de todos, sem telefones, enquanto o Fred está a rever comigo os algoritmos do Suporte Básico de Vida com a canção do “Stay Alive” a dar ritmo e eu a ver um filme dos salva-vidas da minha praia ligados aos médicos do Departamento Editorial das Ciências Médicas da Jupiter Editions a fazerem as compressões torácicas à Jupiter Editions e a’*O Algoritmo do Amor* numa dança de médicos e salva-vidas a cantarem o “Stay Alive” e sem eu me chibar do filme o Fred a fazer um spoiler e a contar exatamente o filme que estava a passar como eu tinha visto... Outra coisa é neste filme mudo à distância meu e do Fred sem gestos do “Stay Alive” e sem gestos de compressões torácicas, eu entrar 10 minutos depois no barco dos piratas e os piratas a porem a música do “Stay Alive” a dar e a dizerem que era giro um filme com médicos e salva-vidas a dançarem e a cantarem na praia o “Stay Alive” enquanto salvavam “um amor maçónico”, porque na medicina há uma “grande maçonaria” e “agora” nos salva-vidas também há uma “grande maçonaria”, por causa de “um amor maçónico” entre um médico e um salva-vidas, mas a falarem tudo isto como se eu não tivesse “entrado no barco” e num “teatro maçónico” dizerem que o Jaime “estava no barco” e perguntarem se eu e o Fred não queríamos entrar no “novo” filme que “eles tinham inventado” e que já tinham entregue o argumento à Jupiter Editions, porque queriam todos ser os realizadores “do filme que estava a passar” e ganhar o Prémio Io de Cinema e Realização da Jupiter Editions e o Fred com o seu ar psiquiátrico dizer que é tudo uma coincidência e que eu só posso ver nisto tudo uma coincidência e ter de ficar a ouvir os risos dos piratas a piratear *O Algoritmo do Amor*...

Outra coisa é eu ser chamado ao barcos dos piratas para tirar uma farpa do pé de um bebé e estar ali com os pais e não conseguirmos porque o bebé assusta-se muito a ver a pinça, mesmo com os pais a pegarem na pinça e o meu pai telefonar-me no final do dia, a dizer para eu não ser uma “cigarra” e ser uma “formiga” para arranjar é um trabalho que dure o ano inteiro e não no verão e que ele estava a ver, não sei como, que os salva-vidas estavam a ficar cada vez mais competitivos e que aqueles que nem uma farpa eram capazes de tirar não se iam “safar” nessa corrida dos salva-vidas da Jupiter Editions... E é o Fred com a sua Psiquiatria a dizer que eu tenho de continuar a ver tudo como

uma coincidência e eu a ver um *dark sidezinho* do Fred e a ter de entregar este *dark side* à nossa maçonaria, para ela nos libertar, ou para, pelo menos, conceder-nos “a prometida” semi-liberdade, por causa dos outros lobos e a já perder um bocado a piada do filme, porque o filme está já um filme do caralho e eu não sei a que maçonarias está ligado o meu pai e se as suas maçonarias também hackearam as câmaras do barco dos piratas ou se foram mesmo elas que mandaram instalar as câmaras numa pressão maçónica contra o próprio Capitão que tem de fingir dirigir um *dark boat* só para a *bad trip* passar numa *dark net* de um milionário *dark market* que se excita com *slaves* e que o Capitão tem de fingir de “Capitão de Gancho na Mão” para salvar toda a sua tripulação e que em jogos maçónicos “me vai tentando dizer” para “passar para o lado deles”, porque só a maçonaria deles é que é capaz de me salvar da minha própria maçonaria...

Enfim... Uma guerra de maçonarias em que vejo intrigas por todo o lado, em que não vejo verdadeiras alianças, porque as oiço com uma estrondosa facilidade “a partirem-se”... Não é uma maçonaria a sério... Vejo a fazerem rituais... Vejo a fazerem adorações... Vejo “a acharem” que têm de fazer adorações... Vejo a não verem a tecnologia e a não olharem nem para a Ursa Maior nem para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi... Não são maçonarias a sério... São maçonarias podres que cheiram mal, cheiram a sexo, cheiram a orgia, cheiram mal, são doentes, estão doentes, estão drogadas, alcoolizadas... Não são maçons de verdade. Não são puros. Não têm classe nenhuma a andar. Não sabem andar com os verdadeiros passos maçónicos. Nem sabem dançar. Não dançam. Andam com medo. Estão ameaçados por tudo e por nada. Não andam sem medos. Logo, não são maçons de verdade. Não sabem nada sobre os ventos, nem sobre as ondas, não vêm as correntes nem do ar nem do mar, não sabem para que lado é que o vento está a soprar, não sabem olhar para as nuvens e ver se vai ou não chover, não sabem olhar para um céu estrelado e identificar, pelo menos, 6 constelações e 6 planetas... Não sabem olhar para os animais e ver logo quais é que são os animais sagrados que não podem comer, não entendem a Natureza, andam com o telefone cheio de aplicações e cheios de novos jogos maçónicos, mas não são maçons... Não conseguem perceber a tecnologia das coisas, não conseguem simplesmente viver a Estranha Ordem das Coisas, não sabem andar ligados aos passos dos elefantes, das formigas e não sabem dançar com as abelhas, têm medo de abelhas???? Quem tem medo de abelhas e não é capaz de as receber de coração aberto não é divino nem maçom.

A boa maçonaria diz que o presidente, o rei ou o príncipe tem de visitar todas as semanas, os quartéis das polícias, os quartéis dos bombeiros, os hospitais, o Exército, a Marinha e a Força Aérea e envolver-se de verdade com as forças armadas e saber o nome de toda a tropa e ver a tropa a despir as fardas para decorar o rosto humano, porque por detrás do “robot-soldado” há um espírito humano, há um humano, que não é “nenhuma carne para canhão”. É um humano que simplesmente se alistou voluntariamente, e sempre voluntariamente, porque a tropa obrigatória morreu com as estupidezes e atrocidades humanas, e que tem o direito a uma recruta fixe e saudável com uma nova Psicologia de fora da tropa que proíbe toda a agressividade física e psicológica. Uma coisa é bater continência, numa dança militar lindíssima, outra coisa é ser um general ou um comandante estúpido que tem imediatamente de ser expulso da tropa. É esta a boa maçonaria que sabe olhar para tudo, que sabe olhar para as coisas com a maior facilidade e com a maior sensibilidade. Não é difícil. É só desconstruir tudo. O que está mal construído, é Mãos à Obra para se reconstruir. É esta a obra. É este o filme que eu quero entregar à minha maçonaria. Um filme em que vemos uma espetacular reconstrução de todos os cenários que são feios, que “ficam mal” com uma Europa toda a olhar para nós... É preciso sairmos da pequenez, da mesquinhez se quisermos ver a força verdadeira, a força da boa maçonaria! É este o

meu filme. Desligar-me de todas as forças que não prestam, de todos os mercados que deviam morrer de uma vez por todas, de todos os mercados que só causam sofrimento, dor e infelicidade e que são insustentáveis à nossa própria sobrevivência... Mas eu quero falar de política a sério, quero falar de economia a sério, quero falar de biologia e de botânica, quero falar do Direito e da Inteligência Artificial, mas tenho uma maçonaria que não me deixa falar das coisas importantes que eu quero, não me dá tempo para escrever com descanso em paz, com uma escrita melhor, com uma escrita mais calma, mais sossegada, menos stressada, menos presa, menos paranoica... Tenho uma maçonaria que está a atrasar toda a minha escrita, toda a minha publicação, que está a sufocar o meu espírito e a minha voz, está silenciosamente e *às ocultas* da minha maçonaria a dar cabo de mim, sem a minha maçonaria se aperceber e sem lhe dar razões para desconfiar de nada... Eu preciso de descansar, estou muito cansado. O filme tem de parar, para eu poder escrever sobre o que ainda não consegui escrever. Há um processo maçónico sobre o qual tenho de escrever e que tenho ainda intacta a memória de como foi todo o processo e eu quero contar, antes que seja proibido de falar sobre o processo ou antes que me aconteça alguma coisa... Mas já são 3h58 da manhã e eu às 9h tenho de estar a apanhar o barco, outra vez, para a Ilha dos Piratas e ainda nem descansei e precisava de descansar...

Quando ia para descansar, a Little Anne veio bater-me à porta do quarto, muito querida, a dizer que o Santo tinha feito o jantar para nós. Eu já tinha prometido ao meu cérebro descansar 2 horas, mas este carinhoso convite fez desfazer a minha promessa... E lá fui sentar-me com eles à mesa. O Santo ainda é “o novo inquilino”. Sei que a Little Anne, a anja Agatha e o Supremo Anjo Daniel pertencem à minha maçonaria, são dos nossos, são dos bons... Foi a Mulher do Capitão que me arranjou este quarto fixe, nesta casa fixe que adora o Fred... A Little Anne parece que vê um deus no Fred... O Supremo Anjo e o Fred parecem empresários a falarem um com o outro, parece que a qualquer momento vão estabelecer uma parceria... Não percebo em que negócios é que os dois estão metidos... Mas lembro-me do Supremo Anjo ter dito que só porque tinha câmaras nas suas duas empresas, que já tinha recebido imensas propostas de empresas para lhes vender as imagens das câmaras dos clientes por preços muito grandes, mas que o Supremo Anjo não ia nunca colaborar com o branqueamento de capitais (...) E depois a ouvir estas histórias da vida real dizem que eu não posso fazer as ligações que eu faço na minha vida... Isto é real... Esta Internet das Coisas é real, sabe a uma vida real tecnológica (...) E eu, só queria descansar de toda esta Internet das Coisas... (...)

Eu só queria descansar desta IoT...

4:18 18 de junho de 2021

Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala